



Joana Filipa Bastos Lopes

Discurso de Ódio Online: Revisão Sistemática dos Fatores Individuais e de Contexto

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Joana Cabral

Fevereiro de 2021



Joana Filipa Bastos Lopes

Discurso de Ódio Online: Revisão Sistemática dos Fatores Individuais e de Contexto

Dissertação de Mestrado em
Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação defendida em Provas Públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 21/05/2021, perante o seguinte júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Inês Martins Jongenelen

Arguente: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva (Professor Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Prof.^a Doutora Joana Maria Barreto Ramos de Almeida Cabral

Fevereiro de 2021

É autorizada a reprodução integral desta tese apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, à Professora Joana Cabral, pela disponibilidade, apoio, carinho, confiança e dedicação ao longo deste ano letivo.

Aos meus colegas do grupo de dissertação pelo apoio prestado.

Aos meus pais, por todo o apoio e amor incondicional e por me terem dado a oportunidade de conseguir chegar até aqui. E acima de tudo, por estarem comigo nos bons e nos maus momentos.

Ao Rafael, por todo o amor e carinho, pela motivação e paciência, por me ajudar quando mais precisava e por estar sempre ao meu lado em qualquer momento.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram destes cinco anos, os melhores anos académicos e por todos os momentos bons.

Discurso de Ódio Online: Revisão Sistemática dos Fatores Individuais e de Contexto

Resumo

Com a propagação das redes sociais e plataformas digitais, o discurso de ódio online tornou-se mais recorrente. Como tal, também a investigação sobre este tema tem aumentado especialmente acerca do impacto do fenómeno nas vítimas. Não obstante, o conhecimento sobre os fatores individuais e de contexto associados aos praticantes do discurso de ódio, assim como a interligação entre os mesmos, ainda é escasso.

Os objetivos deste estudo são: (i) identificar características psicológicas e sociais presentes nos indivíduos que praticam o discurso de ódio online, mais especificamente aspetos da história de vida e características individuais; (ii) identificar, sistematizar e analisar aspetos culturais e sociais que influenciam a expressão e perceção do fenómeno; (iii) e, por último, analisar a associação entre fatores individuais e culturais.

Foram selecionados artigos de três bases de dados (*Web of Science, Scopus e PsychoInfo*) no período entre janeiro de 2014 a dezembro de 2019. Dos 200 artigos selecionados inicialmente, vinte e cinco cumpriram os critérios de inclusão definidos. Aspetos relacionados com a personalidade como o modelo “Big Five” e traços da “Dark Triad”, fatores de risco e de proteção associados à família como o mau-trato na infância e dinâmicas familiares marcadas pela desorganização, assim como estratégias parentais e suporte à autonomia, nomeadamente, estão relacionadas com o envolvimento no discurso de ódio. A literacia em relação ao discurso de ódio online, como o tempo dispensado online, vitimização anterior, a influência do grupo de pares sobre o comportamento, assim como a posição do indivíduo socialmente, como os valores morais, destacam-se entre os aspetos mais comuns e relevantes que influenciam o envolvimento no discurso de ódio online. São ainda discutidas as principais implicações para a prática clínica, destacando-se a necessidade de intervir com os indivíduos praticantes.

Palavras-chave: discurso de ódio online, hater, personalidade, contexto, cultura

Online Hate Speech: Systematic Review Around Individual and Context Factors

Abstract

With the spread of social networks and digital platforms, online hate speech has become more recurrent. As such, research on this subject has also increased especially on the impact of the phenomenon on victims. Nevertheless, knowledge about the individual and context factors associated with the practitioners of hate speech, as well as the interconnection between them, is still scarce.

The objectives of this study are: (i) to identify psychological and social characteristics present in individuals who practice online hate speech, more specifically aspects of life history and individual characteristics; (ii) identify, systematize and analyse cultural and social aspects that influence the expression and perception of the phenomenon; (iii) and, finally, analyze the association between individual and cultural factors.

Articles from three databases (Web of Science, Scopus and PsychoInfo) were selected between January 2014 and December 2019. Of the 200 articles initially selected, twenty-five met the inclusion criteria defined. Aspects related to personality such as the "Big Five" model and traits of the "Dark Triad", risk and protective factors associated with the family such as mistreatment in childhood and family dynamics marked by disorganization, as well as parental strategies and support for autonomy, namely, are related to involvement in hate speech. Online hate speech literacy, such as time spent online, previous victimization, the influence of the peer group on behavior, as well as the individual's socially position, such as moral values, stand out among the most common and relevant aspects that influence involvement in online hate speech. The main implications for clinical practice are also discussed, highlighting the need to intervene with practicing individuals.

Keywords: online hate speech, hater, personality, context, culture

Índice

Introdução	10
Questão de Investigação e Objetivos	15
Método	15
Metodologia das Pesquisas e das Bases de Dados.....	15
Codificação dos Estudos	16
Seleção dos estudos	16
Resultados	18
Caraterísticas dos estudos	18
Caraterísticas gerais dos resultados dos estudos.....	19
Caraterísticas pessoais e de personalidade.....	28
Fatores de risco e proteção.....	29
Discussão	30
Limitações da revisão sistemática.....	34
Implicações para a prática.....	34
Referências Bibliográficas	35

Índice de tabelas e figuras

Figura 1- Fluxograma da seleção dos estudos 17

Tabela 1- Tabela do resumo dos estudos selecionados..... 20

À medida que as tecnologias de informação e comunicação evoluem, novas formas de praticar e veicular discursos de ódio surgem nas plataformas online também designadas como ciberbullying ou *cyberhate* (Kowalski & Limber, 2007).

Estes fenómenos requerem uma atenção particular, tanto pelas diversas consequências para o bem-estar nos indivíduos e grupos-alvos, como pela necessidade de informar as políticas de segurança a adotar pelas e nas plataformas digitais a fim de prevenir e combater o ódio. Assim sendo, o objetivo geral deste estudo é contribuir para identificar e sistematizar os fatores individuais e de contexto associados à prática do discurso de ódio online.

Discurso de ódio é um termo extensamente usado, com múltiplos significados. Para Cohen-Almagor (2013) o discurso de ódio é um discurso com caráter maldoso, hostil, baseado em preconceitos sobre uma pessoa ou um grupo de pessoas, com características semelhantes (reais ou percebidas). Tem por base atitudes discriminatórias, intimidadoras e preconceituosas em relação a características como o género, etnia, religião, cor de pele, nacionalidade, corpo e capacidade física ou orientação sexual. A prática de ódio pretende ferir, desumanizar, assediar, intimidar, rebaixar, degradar e vitimar as vítimas (Cohen-Almagor, 2013). Outras definições descrevem o discurso do ódio como "um mecanismo de suborno violento" que tem como objetivo o medo e que envolve assédio, intimidação e discriminação (Lederer & Delgado, 1995 citado por Barnidge et al., 2019). As definições destacam ainda a capacidade de o discurso de ódio provocar danos psicológicos em indivíduos ou grupos-alvo (Calvert, 1997; Marwick & Lewis, 2015; Soral, Bilewicz & Winiewski, 2018 citado por Barnidge et al., 2019).

As várias formas de ciberviolência e discurso de ódio online, ciberbullying e *cyberhate* partilham com o discurso de ódio “offline” a expressão de ódio contra um indivíduo, grupo ou comunidade (Hawdon, Bernatzky & Costello, 2018). No caso do discurso de ódio online, as plataformas permitem aos agressores transmitir mensagens repetidamente, de forma hostil ou agressiva com o objetivo de amplificar e manter o dano ou desconforto causado a outros (Tokunaga, 2010). Uma das definições mais extensivamente aceite é proposta por Smith (2008) que define o discurso de ódio online como um ato propositadamente agressivo contra uma vítima que não se consegue defender facilmente. Assim sendo, este tipo de discurso pode ser visto como um comportamento abusivo no espaço digital (Smith et al., 2008). O ciberbullying pode incluir quatro tipos de demonstrações: ações escritas-verbais (e.g. telefonemas, mensagens, mas também difamações ou insultos (Menesini, Nocentini & Camodeca, 2013)); comportamentos visuais

(e.g. postagem, envio ou partilha de fotos e vídeos); exclusão (i.e., excluir propositadamente alguém de um grupo online; e roubo de identidade ou informações pessoais (Ioannou et al., 2018).

Relativamente às **consequências**, vários estudos têm reunido evidência de que a exposição a este tipo de violência que desvaloriza, desqualifica e hostiliza o sujeito ou os seus grupos de pertença, gera danos psicológicos que afetam o seu quotidiano (Leets & Giles, 1997). As consequências podem incluir baixa autoestima, frustração, depressão, ansiedade (Ioannou et al., 2018), stress, nervosismo, irritabilidade, perturbações de sono, entre outros (Garaigordobil, 2011). Em casos mais graves, o cyberbullying causa problemas de saúde mental que afeta a concentração e pensamentos, e está associado a isolamento social e comportamentos suicidas (Deschamps & McNutt 2016).

O cyberbullying tornou-se mais comum desde que as tecnologias digitais se notaram essenciais para as populações (Wang, Yogeewaran, Andrews, Hawi & Sibley, 2019). Num estudo com 18.000 indivíduos de 24 países, 80% dos participantes consideram o discurso de ódio online um problema sério (Reuters, 2012 citado por Farhangpour et al., 2019). Uma revisão recente de 159 estudos (Brochado, Soares & Fraga, 2017) demonstra que as taxas de prevalência da reprodução do cyberbullying, no período de um ano, variaram de 3,0% a 39,0%, e que as taxas de prevalência de vitimização por cyberbullying variaram de 1,0% a 61,1%. O “Cyberbullying Research Center” (2016) alertou para o facto de entre os mais de 80% dos adolescentes que usam o telemóvel com frequência, aproximadamente 50% foram vítimas de algum tipo de discurso de ódio online e 20% sofreram cyberbullying regularmente (Farhangpour et al., 2019).

No cenário português, de acordo com a Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), um órgão vocacionado para a prevenção e combate à discriminação, no ano de 2019 foram recebidas 436 participações, queixas e denúncias. Relativamente à discriminação sentida nos meios de comunicação social/internet foram apresentadas 97 queixas (22,2%), salientando-se assim, o elevado peso e expansão deste tipo de discriminação que pode afetar toda a população com acesso a meios de comunicação. Importa referir também que ao analisar as áreas de discriminação/contexto das alegadas práticas discriminatórias, na segunda posição apresenta-se a Internet/redes sociais com 51 queixas (11,7%), entendida como discriminação através da internet, mais precisamente em publicações e comentários nas redes sociais e blogues. Na terceira posição, estão

compreendidas as situações de discriminação através dos Media Tradicional (31 queixas, 7,1%), nomeadamente, a televisão, notícias ou artigos de opinião (CICDR, 2019).

Na dinâmica do cyberbullying, a pessoa que pratica o discurso de ódio é identificada como *hater*, *cyberhater* ou *cyberbullie*: “aquele que odeia” e, mais que isso, age de forma violenta com ataques sobre grupos-alvo do seu ódio. Os *haters* têm como objetivo difundir a sua ideologia de ódio contra alguém ou grupos específicos. Também existe o termo “trolls” que se caracterizam por sujeitos que procuram destruturar discussões criadas em grupos sociais com o objetivo de irritar os intervenientes e criar conflitos gerando um clima propício à hostilidade e propagação de ódio (Rebs, 2017).

Entre os **fatores individuais** associados ao cyberbullying, as experiências de mau-trato e as características de personalidade, surgem mais destacados na literatura. Do ponto de vista da teoria da cognição social, o cyberbullying pode estar relacionado com experiências de abuso na infância (Bandura, 2001). A exposição a comportamentos emocionalmente abusivos quando crianças acarreta maior risco de recurso a comportamentos relacionais abusivos, dinâmica descrita como “ciclo de violência” (Wang et al., 2019 citado por Kircaburun et al., 2019). É, ainda assim, importante esclarecer que nem todas as vítimas de abuso emocional na infância reproduzem estes comportamentos. Os indivíduos cuja personalidade se organiza num padrão comportamental antissocial parecem ter mais probabilidade de se envolver em cyberbullying, em oposição aos que respondem ao abuso adotando um padrão de isolamento e distanciamento social (Kircaburun et al., 2019). Assim importa considerar a interação entre experiências de socialização precoce e características de personalidade.

Alguns autores têm dedicado a sua atenção ao perfil dos praticantes de cyberbullying ou *haters* considerando os aspetos da sua personalidade. Kyriacou e Zuin (2016 citado por Ioannou et al., 2018) identificaram cinco categorias principais de *haters*, tendo em conta atributos psicológicos: o “sociável”, que pratica por diversão, desconsiderando os sentimentos da vítima; o “solitário”, que se encontra isolado e ataca pessoas com quem tem escasso contacto; o “narcisista”, que exerce e exhibe poder sobre o outro; o “sádico”, que gosta de causar dano e sofrimento; e o “moralmente motivado”, que acredita que a vítima está a receber justiça pelas suas ações.

Os aspetos ecológicos e sistémicos do comportamento e da relação dinâmica entre os indivíduos e a sociedade/cultura em que estão inseridos deve ser considerada no fenómeno do ódio e cyberbullying. Diversos estudos têm tentado compreender melhor o papel dos

fatores do contexto na propagação da cyberbullying, visando também a sua prevenção e combate. As **variáveis contextuais** e as **políticas das redes e plataformas digitais** têm sido identificadas como revelando bastante importância quer para a prática do discurso de ódio online, como para o impacto nas vítimas (Piccoli et al., 2020).

Investigação prévia destaca que as representações e ações ao cyberbullying podem ser influenciadas por antecedentes e circunstâncias culturais. As especificidades e variações culturais influenciam o fenômeno, bem como as percepções sobre o mesmo (Shohoudi Mojdehi, Leduc, Shohoudi Mojdehi & Talwar, 2019). A este respeito, a evidência tem constatado que os processos de influência social e mais especificamente, a influência do grupo de pares desempenham um papel importante na promoção de comportamentos de ódio online (Piccoli et al., 2020).

A cultura e a sociedade produzem visões coletivas de grupos sociais conhecidos por estereótipos culturais, assim como normas e valores morais que organizam o comportamento individual e coletivo. Os valores morais influenciam a forma como o indivíduo sente, pensa e se comporta, assim, os valores têm efeitos diferentes em cada indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade humana. Não obstante, a capacidade individual para selecionar a informação cultural que recebem, retêm na memória e posteriormente a emitem (Nettle, 2018) e as crenças que um indivíduo produz são influenciadas constantemente pela família e pelos media, duas importantes formas de influência cultural. Da mesma forma que os filhos tomam os seus pais como modelos, também aceitam, sem julgamentos, as suas atitudes sociais destes e dos seus grupos e comunidades de referência (Blaine & Brenchley, 2020).

Assim, a compreensão dos comportamentos de cyberbullying deve ser enquadrada através dos valores morais quer do indivíduo quer da sociedade que o envolve (Dilmaç e Aydoğan, 2010). Num estudo de Dilmaç e Aydoğan (2010) onde se investigou o comportamento de cyberbullying em relação aos valores humanos, conclui-se que os valores como a responsabilidade, tolerância, pacifismo, respeito e honestidade explicaram o comportamento de ódio. A investigação sugere ainda que a norma do grupo de pares, de pertença ou de referência, molda as tendências de ação e comportamentos individuais, também no que respeita aos comportamentos de discurso de ódio online e em particular na adolescência (Sasson & Mesch, 2017).

Para além destes fatores contextuais e culturais, também a forma como as empresas de comunicação digital lidam com o cyberbullying, tem impacto no fenômeno. A maioria das

empresas anuncia **políticas** de combate ao **discurso de ódio** (Milosevic & Vladislavljevic, 2019) como é o caso do *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*. Estas três plataformas têm declarado o combate ao ódio online como prioridade nas suas políticas, divulgando o investimento em medidas que aumentam o rigor na eliminação de conteúdo considerado odioso, sem ferir os princípios da liberdade de expressão (Silva, Botelho-Francisco & Pontes, 2019). Não obstante, o entendimento sobre o que constitui discurso de ódio pelas plataformas não é consensual. Apesar das ações colaborativas, cabe às políticas de cada empresa controlar, bloquear, filtrar e eliminar qualquer conteúdo, em função do que viole os termos impostos pelas suas políticas internas (Silva, Botelho-Francisco & Pontes, 2019).

Os sistemas de redes sociais não se têm mostrado capazes para prevenir conteúdo de natureza discriminatória e abusiva, na medida em que não têm sido capazes de monitorizar ou remover páginas nas quais os grupos de ódio atuam (Celik, 2019). Existe uma grande controvérsia relativamente à forma como as plataformas digitais proíbem o conteúdo odioso, como é o caso do *Twitter* que não permite este tipo de conteúdo, mas reconhece o humor e a paródia, como não sendo odioso. De acordo com a Secção 230 da Lei de Decência de Comunicação dos Estados Unidos da América, as plataformas não se responsabilizam pelo que os usuários colocam online. No entanto, permite que as plataformas moderem o conteúdo odioso oferecendo aos usuários diferentes mecanismos tecnológicos para assinalar conteúdo de natureza sensível (Matamoros-Fernández, 2017).

Existem ainda outros aspetos da política de gestão das redes sociais e plataformas digitais particularmente relevantes, considerando desde logo que o uso do anonimato é um aspeto importante. A literatura que estuda este processo destaca aspetos positivos e negativos associados ao anonimato (Ellison, Blackwell, Lampe & Trieu, 2016). Por um lado, as plataformas onde é permitido o anonimato podem promover comportamentos agressivos, uma vez que permitem que os indivíduos se sintam menos inibidos (Suler, 2004 citado por Rösner & Krämer, 2016) e menos preocupados com a responsabilidade dos seus comportamentos (Festinger et al., 1952 citado por Rösner & Krämer, 2016). O anonimato nas redes sociais permite ao agressor não identificado não ser punido pelos seus comportamentos agressivos (Barlett, Gentile & Chew, 2016). Por outro lado, o anonimato pode também contribuir para dinâmicas positivas, como facilitar o recurso, por parte das vítimas, a grupos de suporte online, onde é possível receber *feedback* ou participar em discussões e partilhas sem receio da exposição ou julgamento (Kang, Brown, & Kiesler, 2013 citado por Ellison et al., 2016).

Questão de Investigação e Objetivos

Esta dissertação descreve uma revisão sistemática de literatura que explora os fatores individuais e de contexto associados ao discurso de ódio online. À data, quanto é do nosso conhecimento, não existem trabalhos de revisão que abordem este tema. A seleção do tema deve-se também à escassez de literatura, em Portugal, e à relevância social do tema para a comunidade científica e para informar políticas e estratégias de combate ao discurso de ódio e proteção das suas vítimas. Deste estudo podem derivar importantes implicações para a identificação de potenciais praticantes, de políticas de transformação social e de gestão de sistemas digitais.

Como questão de investigação, definiu-se: “Quais os fatores individuais presentes nos *haters*, e que fatores sociais e culturais associados ao discurso de ódio online?”

A presente revisão sistemática centra-se em quatro objetivos. O primeiro objetivo geral foi identificar características psicológicas e sociais presentes nos indivíduos que praticam o discurso de ódio online. Mais especificamente identificar e sistematizar os aspetos da história de vida (e.g., experiências precoces de socialização e abuso) e as características individuais (e.g., de personalidade, crenças e valores sociais,...) associados à prática de ódio online. Pretende-se também identificar, sistematizar e analisar os aspetos culturais e sociais que interferem na expressão do fenómeno e influenciam a perceção e representação deste. O segundo objetivo é analisar a associação entre fatores individuais e culturais.

Método

Metodologia das Pesquisas e das Bases de Dados

Esta revisão sistemática fundamentou-se na estrutura proposta pelo modelo PRISMA que consiste num conjunto mínimo de 27 itens e 4 fluxogramas (Galvão, Pansani & Harrad, 2015).

Com o intuito de perceber os métodos, os objetivos e resultados da investigação relacionadas com esta temática, realizou-se um levantamento sistemático da literatura científica entre janeiro de 2014 e dezembro de 2019 com o objetivo de identificar estudos empíricos sobre as variáveis desta revisão, utilizando três bases de dados (*PsycInfo*, *Scopus* e *Web of Science*).

Foi utilizada a seguinte estratégia de pesquisa na base de dados *PsycInfo*: (*cyberbullying* OR *cyberbull** OR *cyberhate** OR *online extremism*) AND ((*risk factors* OR *protective factors*) OR (*personality* OR *character* OR *identity* OR *self*) OR (*culture differences* OR *culture* OR *cultural habits* OR *traditions* OR *context* OR *cultural norms* OR *values* OR

beliefs OR ethics OR moral principles) OR (anonymity)) NOT ((hate crimes OR shootings OR crime OR perpetration)) NOT (human-robot interaction) NOT (grief) NOT (victim psychology OR victim) NOT (pornography) NOT (school).*

Para a **seleção de artigos para esta revisão**, os critérios de inclusão foram: (1) estar redigido em português, inglês ou espanhol; (2) ser um estudo empírico quantitativo, qualitativo, estudos longitudinais, focos-grupo, estudo *follow-up*; (3) estar publicado numa publicação com revisão por pares; (4) estar publicado no intervalo de tempo entre janeiro de 2014 e dezembro de 2019; (5) os participantes serem adolescentes, jovens adultos ou adultos.

Os **critérios de exclusão** foram: (1) ser uma revisão sistemática ou meta-análise; (2) artigo publicado numa outra língua à exceção do idioma português, inglês e espanhol; (3) estudo empírico publicado em capítulos, dissertações de mestrado e/ou doutoramento ou revistas científicas sem revisão por pares; (4) artigos que não estivessem inseridos no intervalo de tempo entre 2014 e 2019; (5) e a amostra ser crianças ou idosos; (6) estudos empíricos em que a investigação com praticantes do discurso de ódio *online* não foi o objetivo primário da intervenção.

Posteriormente à pesquisa inicial, os artigos foram analisados e selecionados seguindo os critérios de exclusão. Os títulos, resumos e as palavras-chave provenientes desta pesquisa foram analisados para se identificar artigos potencialmente elegíveis para a revisão.

Codificação dos Estudos

Depois de identificar e selecionar os artigos incluídos na revisão, foram codificados com recurso a uma tabela pré-concebida com as características: nome do autor, ano de publicação, local do estudo (país), tamanho da amostra, idade dos participantes (variação da idade, ou média e desvio-padrão), sexo dos participantes, características do estudo e principais resultados como as características identificadas dos *haters* e fatores contextuais ou culturais.

Seleção dos estudos

O processo de pesquisa, assim como a exclusão dos artigos nas diferentes fases está apresentada na Figura 1. Assim sendo, através da pesquisa realizada nas bases de dados foram identificados 200 artigos. Recorrendo à ferramenta digital *Mendeley*, foi possível eliminar os artigos duplicados, restando 168 artigos. A avaliação por meio dos títulos, palavras-chave e resumos, com o objetivo de identificar os artigos que cumpriam os critérios descritos anteriormente, permitiu a exclusão de 111 artigos. Foram então selecionados 57 artigos para a leitura integral que permitiu a exclusão de 32 artigos, uma vez que não

cumpriam os critérios de inclusão. Assim sendo, 25 artigos cumpriram os critérios de inclusão e foram integrados nesta revisão.

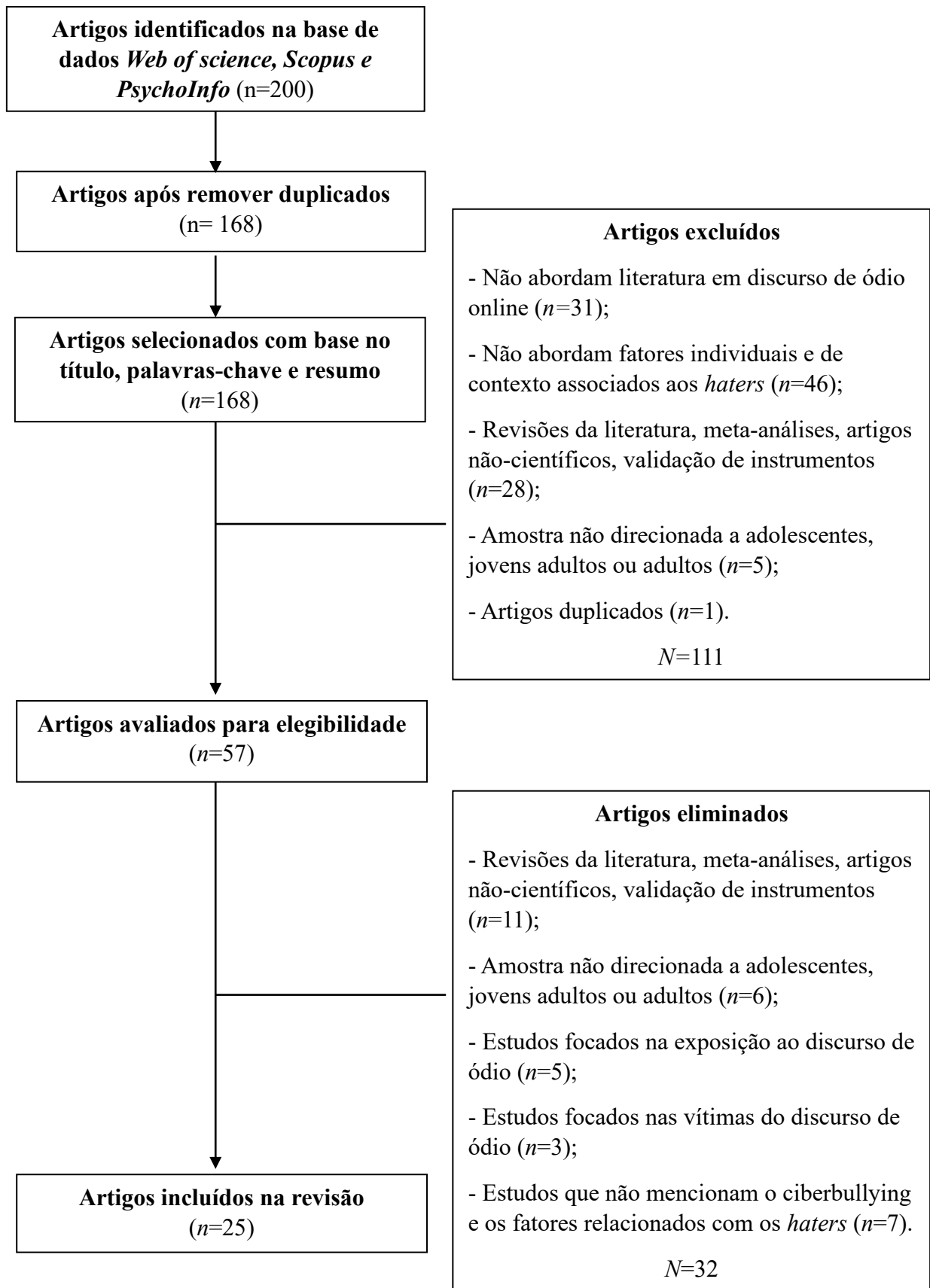


Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos

Resultados

Os resultados estão descritos de forma sistemática na Tabela 1, onde se pode encontrar características relevantes como o nome do autor, ano de publicação, local do estudo (país), tamanho da amostra, idade dos participantes (variação da idade, ou média e desvio-padrão), sexo dos participantes, características do estudo e principais resultados como as características identificadas dos *haters* e fatores contextuais ou culturais.

Caraterísticas dos estudos

Para assegurar a qualidade dos artigos presentes nesta revisão, foi utilizado o *SCImago Journal & Country Rank*, uma medida de influência científica que determina a importância ou prestígio das revistas onde os artigos estão inseridos. Dos estudos selecionados, a maioria (vinte e um) foram publicados em revistas no Q1; três estudos no Q2 (Lyu & Zhang, 2017; Lee & Wu, 2018; Goldstein, 2016); e um estudo no Q4 (Stodt, Wegmann & Brand, 2016). Estes quartis indicam que os artigos foram publicados em revistas de elevado impacto na sua área.

Amostra. Os participantes dos estudos correspondiam a adolescentes ou jovens adultos. O tamanho da amostra dos estudos variou entre 110 e 1568 participantes (e.g., Goldstein, 2016; van Geel, Goemans, Toprak & Vedder, 2016). Relativamente ao sexo dos participantes, conclui-se que a maioria dos participantes são do sexo feminino, sendo que o número variou entre 49 e 972 participantes (e.g., McCreery & Krach, 2018; van Geel et al., 2016).

Método. Dos estudos selecionados para esta revisão, dezanove correspondiam a estudos quantitativos, seis estudos qualitativos, entre estes dois estudos eram transversais e um estudo longitudinal. Os estudos foram realizados em diferentes países, nomeadamente os estudos quantitativos, cinco estudos foram realizados nos Estado Unidos da América (EUA), três na China, dois na Espanha, entre outros. Os estudos qualitativos foram realizados dois nos EUA, entre outros. Os estudos transversais foram realizados na Tailândia e Holanda. O estudo longitudinal foi realizado nos EUA.

As amostras dos estudos foram maioritariamente recrutadas de estabelecimentos académicos, mas também por conveniência em centros comerciais (Handono, Laeheem & Sittichai, 2019), em plataformas de media digital (McCreery & Krach, 2018; Cook, Schaafsma & Antheunis, 2018), participantes que se voluntariaram (Lee & Wu, 2018) e também através de amostragem online aleatória (Legate, Weinstein & Przybylski, 2019). Relativamente às medidas utilizadas nos estudos, a maioria utilizou questionário

sociodemográficos e instrumentos validados cientificamente. Com exceção dos estudos qualitativos que recorreram a entrevistas semiestruturadas.

Caraterísticas gerais dos resultados dos estudos.

Verifica-se que os resultados dos estudos analisados variam entre caraterísticas dos *haters*, fatores de risco/ precipitantes do discurso de ódio online, assim como os fatores de proteção.

Tabela 1*Tabela do resumo dos estudos selecionados*

<i>Autores (Ano) - País -</i>	N	Amostra Idade (M e DP)	Sexo	Natureza do estudo	Instrumentos	Resultados
Del Rey, Mora-Merchán, Casas, Ruiz & Muñoz (2018) - Espanha -	479 estudantes	12 a 18 anos (M = 13,83; DP = 1,40)	M = 45,1%; F = 54,9%	Estudo quantitativo com grupos	- European Cyberbullying Intervention Project Questionnaire; - European Bullying Intervention Project Questionnaire; - Questionnaire of experiences related to the Internet.	- Fatores de risco: uso abusivo da internet e das redes sociais; - Fator de proteção: autorregulação emocional.
Lyu & Zhang (2017) - China -	200 estudantes	17 a 23 anos (M = 21,15; DP = 2,21)	M = 96; F = 91	Estudo quantitativo	- Childhood psychological maltreatment scale; - Cyberbullying questionnaire; - Moral disengagement questionnaire; - Moral identity questionnaire.	- Fator de risco: mau-trato na infância e desengajamento moral.
Handono, Laeheem & Sittichai (2019) - Tailândia -	210 jovens	15 a 24 anos	M = 81 e F = 129	Estudo transversal com três etapas	- Multidimensional Scale of Perceived Social Support; - Questionnaire of the Frequency of and Satisfaction with Social Support; - The Problematic and Risky Internet Use Screening Scale; - Recent Exposure of Violence Scale;	- Fatores de risco: tempo gasto online, uso problemático da internet, atitude em relação do <i>cyberbullying</i> ; - Fatores de proteção: apoio social dos amigos, família e o nível de autoestima.

					- Rosenberg Self-Esteem Scale.	
Malo Cerrato, Martín Perpiñá & Viñas i Poch (2018)	1102 alunos	11 a 18 anos (M = 14,42; DP = 1,78)	M = 48,1%; F = 51,9%	Estudo quantitativo	- Tipología autoatribuida de consumo de redes sociales; - Escala de actitudes y usos de los medios y tecnologías; - NEO Five Factors Inventory; - Autoconcepto AF5 de García y Musitu; - Escala de Apoyo social percibido; - Escala autoatribuida de consumo familiar de las TIC; - Normas de uso de las TIC en el hogar; - Ítems de la escala de percepciones relativas al uso de redes sociales.	- Caraterísticas: neuroticismo, impulsividade e sexo masculino. - Níveis mais baixos no autoconceito familiar, académico e emocional; - Fatores de proteção: responsabilidade, autoconceito familiar, normas regulatórias para o uso da internet em casa; - Fatores de risco: uso das redes sociais para entretenimento, níveis de autoestima.
- Espanha -						
van Geel, Goemans, Toprak & Vedder (2017)	1568 estudantes	16 a 21 anos (M = 17,58; DP = 1,39)	M = 38,1%; F = 61,9%	Estudo transversal	- The Bullying Participant Role Questionnaire; - European Cyberbullying Intervention Project Questionnaire; - The Big Five Inventory; - The Short Dark Triad Questionnaire; - Varieties of Sadistic Tendencies Scale.	- Caraterísticas: narcisismo, psicopatia e sadismo; - Fatores de proteção: agradabilidade.
- Holanda -						
McCreery & Krach (2018)	118	M = 25; DP = 7	M = 54; F = 49	Estudo quantitativo	- IPIP Big 5 Personality Scales;	- Fatores de risco: agressão, estabilidade emocional e extroversão;

- EUA -					- The Scale of Aggressive Fantasies; - The Scale of Proactive-Reactive Aggression;	
Wang, Lei, Liu & Hu (2016)	417 estudantes	12 a 14 anos (M = 13,8; DP = 0,45)	M = 51, 56%; F = 48,44%	Estudo quantitativo	- Kiddie Mach Scale; - Moral Disengagement Scale; - Moral Reasoning about Aggression; - Cyberbullying Scale.	- Características: maquiavelismo e o desengajamento moral; ser do sexo masculino.
- China -						
Barlett, Gentile, Anderson, Suzuki, Sakamoto, Yamaoka & Katsura (2014)	980	M = 20,51; DP = 2,00	M = 46%; F = 54%	Estudo longitudinal	- The Ybarra, Diener-West, and Leaf (2007) cyber behavior questionnaire; - The Cyberbullying Reinforcement Scale; - The Positive Attitudes Toward Cyberbullying Questionnaire; - The Interdependent Self- Construal subscale of the Independent/ Interdependent Self-Construal Scale; - Questionário sociodemográfico.	- Fator de risco: bullying tradicional e as atitudes culturais aprendidas sobre o cyberbullying.
- EUA -						
Kircaburun, Jonason & Griffiths (2018)	761	18 a 28 anos (M = 20,70; DP = 2,28)	M = 274; F = 487	Estudo quantitativo	- Bergen Social Media Addiction Scale; - Dark Triad Dirty - Dozen Scale; - Short Sadistic Impulse Scale; - Cyberbullying Offending Scale;	- Características: sadismo, maquiavelismo, psicopatia e narcisismo.
- Turquia -						

					- Escala criada pelos autores para aceder às diferenças individuais no cyberbullying.	
Keipi & Oksanen (2014)	258 alunos	M = 15,4; DP = 1,18	M = 44,2%; F = 55,8%	Estudo qualitativo	- Questão aberta.	- Fator de risco: anonimato nas redes sociais.
- Finlândia -						
Goodboy & Martin (2015)	227 alunos	18 a 40 anos (M = 20,97; DP = 2,32)	M = 104; F = 112	Estudo quantitativo	- The Dirty Dozen; - Revised Adolescent Peer Relations Instrument.	- Características: maquiavelismo, psicopatia e narcisismo.
- EUA -						
Stodt, Wegmann & Brand (2016)	631	14 a 29 anos (M = 19,86; DP = 4,58)	M = 266; F = 365	Estudo quantitativo	- Internet Literacy Questionnaire; - Big Five Inventory; - Young's Internet Addiction Test.	- Fator de proteção: conscienciosidade.
- Alemanha -						
Ang, Huan & Florell (2014)	757	11 a 17 (M = 13,26; DP = 1,09)	M = 348; F = 413	Estudo quantitativo	- Reactive-Proactive Aggression Questionnaire; - Cyberbullying Questionnaire (Ang & Goh, 2010).	- Fator de risco: agressão proativa e reativa.
- Singapura -						
Lee & Wu (2018)	120	M = 20,77; DP = 1,13	M = 55,83%; F = 44,17%	Estudo qualitativo	- Escala que avalia a percepção dos adolescentes sobre o <i>cyberbullying</i> online e sua compreensão das consequências.	- Fatores de risco: atitude em relação ao <i>cyberbullying</i> , percepção do risco, sexo masculino, mais horas dispensadas na internet; - Fatores de proteção: atitude negativa em relação ao <i>cyberbullying</i> , discordância dos pares em relação ao comportamento.
- China -						
Samoh, Boonmongkon,	136	15 a 24 anos	Não específica	Estudo qualitativo	- Entrevista semiestruturada.	- Fatores de risco: anonimato e conflitos offline anteriores.

Ojanen, Samakkeekarom, Jonas & Guadamuz (2019)						
- Tailândia –						
Orue & Calvete (2019)	765	M = 15,72; DP = 0,96	M = 301; F = 464	Estudo quantitativo	- The Youth Psychopathic Traits Inventory–Short Form (YPI-S; van Baardewijk et al., 2010); - The Mechanisms of Moral Disengagement Scale (Bandura et al., 1996); - The Perpetration subscale of the Cyberbullying Questionnaire (CBQ; Calvete, Orue, Estévez, Villardón, & Padilla, 2010); - Peer Experiences Questionnaire (Prinstein, Boergers, & Vernberg, 2001).	- Fatores de risco: sexo masculino, desengajamento moral, insensibilidade, apatia e remorso.
- Espanha -						
Bussey, Fitzpatrick & Raman (2015)	964	M = 13,35; DP = 0,5	M = 372; F = 592	Estudo quantitativo	- The Cyber Bullying Participant Roles Scale; - The Cyber Bullying Moral Standards Scale; - The Cyber Bullying Moral Disengagement Scale; - The Self-Efficacy to Cyber Bully Scale.	- Fatores de proteção: alunos mais velhos possuem mais desinteresse moral em relação ao <i>cyberbullying</i> ; - Fatores de risco: vitimização cibernética, desengajamento moral e crenças de autoeficácia.
- Austrália -						
Cook, Schaafsma & Antheunis (2018)	22	M = 23,6; DP = 2,4	M = 91%: F = 9%	Estudo qualitativo	Entrevista semiestruturada.	- Fatores precipitantes: gatilhos sociais, internos e circunstanciais;

- Holanda -						- Fatores sociais: sofrer cyberbullying, fraqueza dos outros; - Fatores internos: estado emocional negativo e tédio; - Prazer pessoal, vingança e busca de emoção.
Barlett, Gentile & Chew (2016)	146	M = 19,21; DP = 1,23	M = 22%; F = 78%	Estudo quantitativo e dados recolhidos em dois momentos	- Anonymity subscale of the Attitude and Strength Differential Scale (Barlett & Gentile, 2012); - Positive Attitudes toward Cyberbullying Questionnaire (Barlett & Gentile, 2012); - The cyberbullying scale (Ang & Goh, 2010); - Questionário demográfico.	- Fatores de risco: anonimato nas redes sociais e atitudes positivas relativas ao cyberbullying.
- EUA -						
Kokkinos, Baltzidis & Xynogala (2016)	258	18 a 35 anos (M = 20,29; DP = 2,44)	M = 113; F = 142	Estudo quantitativo	-Prevalence of Facebook Bullying scale (Kwan & Skoric, 2013); - NEO-Five Factor Inventory (Costa & McCrae, 1992, 1992); - Panayiotou, Kokkinos, & Spanoudis, 2004); - Narcissism Personality Inventory (NPI-16; Ames, Rose, & Anderson, 2006).	- Características: sexo masculino e narcisismo.
- Grécia -						
Goldstein (2016)	110	M = 17,05; DP = 0,60	M = 26; F = 70	Estudo qualitativo	- Questões sobre as experiências sociais dos adolescentes (tanto online quanto offline), até que ponto os seus pais regulam essas experiências sociais e	- Fatores de risco: esconder ou mentir sobre aspetos da vida social aos pais; - Fator de proteção: relacionamento aberto e honesto com os pais.
- EUA -						

					as crenças dos adolescentes sobre a regulação parental.	
Seigfried-Spellar & Treadway (2014)	600	M = 20;	M = 50,7; F = 49%	Estudo quantitativo	- Five-Factor Model Rating Form; - Moral Decision-Making Scale; - Computer Crime Index–Revised; - Cyberbullying Scale (Stewart, Drescher, Maack, Ebesutani, & Young, 2014); - General Causality Orientations Scale (Deci & Ryan, 1985).	- Características: neuroticismo e níveis mais baixos de amabilidade e valores internos.
- EUA -						
Legate, Weinstein & Przybylski (2019)	1004	M = 15	M = 53,8; F = 45,9%	Estudo quantitativo	- Cyberbullying Scale (Stewart et al. 2014); - General Causality Orientations Scale (Deci and Ryan 1985).	- Fatores de proteção: estratégias de suporte à autonomia e estratégias parentais.
- EUA –						
Ouvrein, Backer & Vandebosch (2018)	1255	M = 14,17; DP = 0,47	M = 47,6%; F = 52,4%	Estudo quantitativo	- European Cyberbullying Intervention Project Questionnaire (Del Rey & colleagues', 2015); - Short Emotional Quotient (Wakabayashi et al., 2006); - Moral Disengagement Scale (Almeida et al., 2009).	- Fatores de risco: níveis mais elevados de desengajamento moral e níveis mais baixos de empatia; - O sexo masculino apresenta níveis mais elevados de empatia efetiva, enquanto o sexo feminino apresenta mais empatia cognitiva.
- Bélgica -						

Wang, Yang, Yang, Wang & Lei (2017)	464	M = 20,75; DP = 1,59)	M = 162; F = 302	Estudo quantitativo	- Trait Anger subscale of the State-Trait Anger Expression Inventory-II (Spielberger, 1999); - The Civic Moral Disengagement Scale (Caprar, Fida, Vecchione, Tramontano & Barbaranelli (2009).	- Fatores de risco: raiva e desinteresse moral; - Fator de proteção: identidade moral.
- China -						

Caraterísticas pessoais e de personalidade

A literatura aponta algumas caraterísticas que parecem estar associadas ao perfil do indivíduo que pratica o discurso de ódio online. Entre estes os sociodemográficos, de personalidade, sociocognitivos e afetivos.

Começando pelas caraterísticas sociodemográficas, os estudos revistos apontam para uma maior adesão do género masculino à perpretação do cyberbullying (Wang et al., 2016; Lee & Wu, 2018; Kokkinos et al., 2016). O estudo de Bussey e seus colaboradores (2015), encontra ainda diferenças de idade em adolescentes do 7º e 9º ano de escolaridade. Sendo que, os alunos do 9º ano relatam testemunhar e intervir mais no cyberbullying em comparação com os alunos do 7º ano.

Em relação à personalidade e aos traços do modelo “Big Five”, a literatura destaca o elevado neuroticismo (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014; Malo Cerrato, Martín Perpiñá & Viñas i Poch, 2018), a baixa agradabilidade (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014) e extroversão (McCreery & Krach, 2018). Os estudos revistos identificam ainda entre os *haters* a saliência dos traços da “Dark Triad”, nomeadamente o narcisismo (van Geel et al., 2017; Kircaburun, Jonason & Griffiths, 2018; Goodboy & Matthew, 2015; Malo Cerrato et al., 2018; Kokkinos, Baltzidis & Xynogala, 2016), a psicopatia associada à apatia e insensibilidade (van Geel et al., 2017; Kircaburun, et al., 2018; Goodboy & Matthew, 2015; Orue & Calvete, 2019; Ouvrein, De Backer & Vandebosch, 2018), e o maquiavelismo (Wang, Lei, Liu & Hu, 2016; Goodboy & Matthew, 2015; Kircaburun, et al., 2018). A impulsividade (Malo Cerrato et al., 2018) e os níveis patológicos de sadismo (van Geel et al., 2017; Kircaburun, et al., 2018) são também identificados. Do ponto de vista afetivo, o sentimento de raiva mostra-se associado ao comportamento de ódio nas plataformas digitais (Wang et al., 2017).

Ainda a respeito das caraterísticas individuais, a investigação aponta a autorregulação emocional, autoestima e autoconceito, revelando que indivíduos com níveis mais elevados destas três dimensões têm menor probabilidade de se envolver em comportamentos de cyberbullying (del Rey-Alamillo, Mora-Merchán, Casas & Ortega-Ruiz, 2018; Handono et al., 2019; Malo Cerrato et al., 2018).

Entre os estudos que analisam variáveis sociocognitivas, identifica-se entre os *haters* uma menor articulação entre as escolhas comportamentais e valores morais internos (Seigfried-Spellar & Treadway, 2014), bem como uma correlação positiva entre desinteresse moral e cyberbullying (Wang, Yang, Yang, Wang & Lei, 2017). Realça-se também o facto

de que o desengajamento moral está positivamente correlacionado com o cyberbullying, sugerindo que alguns indivíduos são capazes de pensar criticamente sobre esta prática, mas “desligam-se” cognitivamente destes padrões levando, assim, à sua prática (Wang et al., 2016; Orue & Calvete, 2019; Bussey, Fitzpatrick & Raman, 2015; Ouvrein et al., 2018).

Fatores de risco e proteção

Entre os fatores de risco e proteção associados à prática do discurso de ódio online, os estudos revistos identificam aspetos motivacionais, familiares, relativos ao padrão de uso da tecnologia e da rede e à literacia em relação ao fenómeno do cyberbullying. Destacam-se ainda variáveis relativas ao grupo de pares e à comunidade.

Como fatores de risco motivacionais para o comportamento agressivo online, também é referido que este pode assumir-se como uma forma de vingança, de combater o tédio ou apenas de procura de prazer (Cook et al., 2018). O mesmo acontece com as crenças de autoeficácia relacionadas com a prática de cyberbullying, ou seja, quando os indivíduos acreditam que são capazes de se comportar de forma agressiva, maior a probabilidade de se envolverem em comportamentos desta natureza (Bussey et al., 2015).

Entre os fatores familiares, a história de mau-trato na infância revela-se positivamente correlacionada com o cyberbullying (Lyu & Zhang, 2017). Paralelamente, a qualidade do ambiente, da relação e da comunicação familiar, em particular ter um relacionamento aberto e honesto com as figuras parentais, previu baixos níveis de cyberbullying. Também se verifica que os adolescentes que ocultam ou mentem sobre aspetos da sua vida social aos progenitores têm maior risco de se envolver em comportamentos de ódio online (Goldstein, 2016). Nas amostras com adolescentes, também o autoconceito familiar, as estratégias parentais de suporte à autonomia para regular comportamentos sociais problemáticos, como o cyberbullying, e também a existência de normas familiares reguladoras do uso das plataformas digitais diminuem a probabilidade do sujeito se envolver no comportamento (Malo Cerrato et al., 2018; Goldstein, 2016; Legate et al., 2019).

Dentro das variáveis relativas à experiência nas redes digitais e sociais verifica-se que o uso abusivo e um mais elevado tempo dispensado nas redes sociais aumentam a probabilidade de praticar discurso de ódio nas plataformas digitais (del Rey-Alamillo et al., 2018; Handono et al., 2019; Malo Cerrato et al., 2018; Lee & Wu, 2018). O anonimato também influencia a motivação para o envolvimento no cyberbullying, ou seja, quando o agressor permanece oculto, há maior probabilidade de este se envolver em discurso de ódio (Keipi & Oksanen, 2014; Samoh et al., 2019; Barlett et al., 2016). Verifica-se também que

a própria experiência de vitimação online (Cook et al., 2018), assim como a prática anterior de bullying e a agressão proativa ou reativa (Barlett et al., 2014; Samoh et al., 2019; Ang, Huan & Florell, 2014), estão associadas a um maior envolvimento no cyberbullying.

Relativamente à literacia sobre o cyberbullying, confirma-se que o conhecimento sobre o fenómeno, bem como sobre as suas consequências, determinam a atitude e reconhecimento dos danos e riscos influenciando a intenção e envolvimento na prática (Handono et al., 2019; Lee & Wu, 2018; Stodt et al., 2016).

Por fim, a cultura e suporte do grupo de pares parecem funcionar como fatores de proteção para a prática de discurso de ódio online. Quando os pares discordam do comportamento de cyberbullying, a intenção de praticar este comportamento diminui (Lee & Wu, 2018; Handono et al., 2019). Também a experiência de pertença à comunidade e uma identidade moral coletiva parece minorar a adesão ao cyberbullying (Lyu & Zhang, 2017; Wang et al., 2017).

Discussão

Após uma análise cuidada dos vinte e cinco artigos incluídos nesta revisão, foi possível determinar fatores individuais assim como aspetos da história de vida, sociais e de contexto que acrescem ao risco ou funcionam como proteção para a perpetração dos comportamentos agressivos nas plataformas digitais.

A presente revisão sistemática centrou-se em quatro objetivos. O primeiro objetivo geral foi identificar características psicológicas e sociais presentes nos indivíduos que praticam o discurso de ódio online. Mais especificamente identificar e sistematizar os aspetos da história de vida e as características individuais (e.g., de personalidade e sociocognitivas,...) associados à prática de ódio online. E também identificar, sistematizar e analisar os aspetos culturais e sociais que interferem na expressão do fenómeno e influenciam a perceção e representação deste. O segundo objetivo geral foi analisar a associação entre fatores individuais e culturais.

No que se refere às variáveis sociodemográficas, foi possível verificar que o género masculino e os rapazes surgem mais frequentemente, como autores dos comportamentos abusivos. Este resultado é consistente entre estudos e pode ser explicado pelo facto de muitos usuários do género masculino dispensarem mais tempo na internet e redes sociais em comparação com o género feminino (Celik, 2019; Kircaburun et al., 2019). Outra justificação para esta associação está relacionada com os papéis de género socialmente construídos. Desde cedo, os rapazes aprendem e reproduzem comportamentos agressivos

contra si e outros. Existe então, uma ligação entre gênero e violência traduzida na hierarquia entre homens e mulheres, mas também em eventos agressivos entre homens (Souza, Gomes, Silva, Correia & Silva, 2012).

Em relação à faixa etária onde é praticado mais discurso de ódio online, apenas um estudo referiu diferenças entre duas idades relativamente próximas (alunos do 7º ano e alunos do 9º) (Bussey et al., 2015). No entanto, a literatura referente a este assunto concluiu que os adolescentes são os que mais praticam discurso de ódio. No estudo de Bhat (2008), verificou-se que uma grande percentagem dos usuários da internet são crianças e jovens com menos de 18 anos de idade que, tendem a ver esta ferramenta como um meio de interação social. Além disso, a escola oferece a oportunidade e cria a necessidade de acesso à internet e, por essa razão, aumenta o alcance dos *cyberbullies* (Bhat, 2008). Relativamente a este assunto, importa referir também, que o tempo dispensado online e o acesso fácil às redes sociais podem ser fatores de risco para a prática de ciberbullying.

A adolescência parece ser a faixa etária mais propensa ao envolvimento em comportamentos de ciberbullying. A impulsividade, característica da adolescência, parece ser um fator que contribui para o envolvimento no discurso de ódio e na sua propagação. Esta associação pode ser explicada pelo facto de que os jovens podem agir sem considerar as possíveis consequências tanto para si, como para as suas vítimas (Kircaburun et al., 2019). Esta faceta da personalidade associada à atitude e à perceção do risco, poderá explicar a maior prevalência da ciberbullying entre adolescentes. De acordo com a Teoria do Comportamento Planeado, a atitude afeta a intenção e influencia ainda mais o comportamento. Assim, pode-se concluir que quando a atitude dos adolescentes em relação ao ciberbullying é negativa, a sua intenção de se envolver em neste comportamento será reduzida (Lee & Wu, 2018). Assim, o ciberbullying entre adolescentes, tem sido encarado com particular preocupação, não só pelas elevadas prevalências, mas também porque nesta fase desenvolvimental se combinam fatores predisponentes e de risco aumentado quer para a prática quer para o impacto de fenómenos de ódio e bullying (Bhat, 2008).

Considerando que o ciberbullying tem maior incidência nos jovens e adolescentes e tendo em conta que o grupo de pares nestas idades desempenha um papel importante de influência, a atitude dos pares em relação ao ciberbullying pode funcionar como um fator de proteção. Esta descoberta é apoiada pela literatura, como é o caso do estudo de Hinduja e Patchin (2013) onde os participantes da amostra relataram que em situações onde o discurso de ódio é punido, estariam menos propensos a participar neste comportamento. Assim, parece haver

uma poderosa influência de apoio e controle social dos pares para os jovens envolvidos em cyberbullying, que também podem minimizar sintomatologia ansiosa ou depressiva nos agressores (Holt & Espelage, 2007).

Como o grupo de pares influencia o envolvimento nos comportamentos agressivos nas plataformas digitais, também o ambiente familiar afeta esta prática. Em amostras com adolescentes e jovens, constatou-se que quando o ambiente se caracteriza por organização, coesão e oportunidade de expressividade e diálogo, os jovens têm menos probabilidade de se tornarem agressores (Holt & Espelage, 2007). Por outro lado, ambientes familiares negativos marcados por discussões desencadeiam nas crianças emoções negativas, que posteriormente estão associadas a comportamentos de cyberbullying. Congruente com os resultados encontrados em um artigo (Lyu & Zhang, 2017) referindo que o mau-trato na infância está correlacionado com a prática de cyberbullying na idade adulta, a literatura explica que problemas de comunicação na família pode despoletar na criança sofrimento psicológico, associado a níveis mais elevados de comportamentos de ódio (Martínez-Monteagudo, Delgado, Inglés & García-Fernández, 2019)

Em relação às características psicológicas e de personalidade, os estudos analisam de forma clara as características encontradas nas amostras estudadas. É então encontrada uma distinção clara entre traços da “Dark Triad” e do Modelo “Big Five”, modelos que estudam os traços da personalidade. O Modelo “Big Five” integra os cinco grandes traços da personalidade, nomeadamente a extroversão, o neuroticismo, conscienciosidade, afabilidade e abertura à experiência. De acordo com os resultados encontrados, os traços de neuroticismo, baixa agradabilidade e extroversão foram identificados nos *haters*. Os mesmos resultados foram encontrados no estudo de Alonso e Romero (2017), no entanto no estudo de Zhou, Zheng e Gao (2019) apenas houve correlação significativa entre agradabilidade e cyberbullying. Os indivíduos com alta agradabilidade tendem a ser gentis, confiantes e bondosos o que os protege, provavelmente, de se envolver em comportamentos agressivos como o cyberbullying. Os indivíduos neuróticos são geralmente mais ansiosos, frágeis, tendem a sentirem-se sozinhos mais facilmente levando ao uso excessivo da internet e redes sociais para ultrapassar a solidão (Zhou, Zheng & Gao, 2019).

O modelo “Dark Triad” é composto por três características (narcisismo, psicopatia e maquiavelismo), todas elas presentes nos *haters*. A literatura tem estudado bastante este tema e os vários estudos são concordantes com os resultados encontrados nesta revisão. No entanto, o traço de psicopatia é o preditor mais forte, o que sugere ser mais problemático do

que os restantes. Pode-se verificar esta ideia nos resultados desta revisão, uma vez que outros estudos identificaram traços similares à psicopatia como a apatia e insensibilidade (Orue & Calvete, 2019). Supõe-se que os indivíduos maquiavélicos pratiquem cyberbullying com o intuito de ganhar algo, enquanto que indivíduos narcisistas se envolvam como forma de vingança (Cook et al., 2018) e indivíduos com traço de psicopatia podem praticar sem motivo ou provocação (Goodboy & Martin, 2015; Kircaburun et al., 2019). Importa referir que, na literatura, foi encontrada uma associação positiva entre abuso emocional e os traços da personalidade referidos que por sua vez estão relacionados com o cyberbullying. A literatura sugere que experiências adversas na infância estão associadas ao desenvolvimento de traços de personalidade antissociais marcantes (Kircaburun et al., 2019).

As características de personalidade mencionadas anteriormente também têm bastante impacto na forma como os indivíduos regulam as suas emoções. Nos estudos analisados, conclui-se que os indivíduos que compreendem e regulam as suas próprias emoções estão menos propensos a se envolver em discurso de ódio online. Esta ideia é sustentada pela literatura, uma vez que os indivíduos, diante situações de intimidação online ou *bullying*, podem sentir emoções negativas, como também raiva e frustração que podem levar à vingança desses comportamentos, aumentando o risco de envolvimento em cyberbullying. Assim, a regulação emocional desempenha um papel importante para o agressor, uma vez que compreender melhor as suas emoções pode aumentar a empatia e reduzir comportamentos intimidadores (Martínez-Monteaudo et al., 2019).

Por fim, no que diz respeito às variáveis sociocognitivas, os resultados apontam para uma interligação entre desengajamento moral e cyberbullying, ou seja, os indivíduos praticantes de discurso de ódio tendem a desligar-se cognitivamente dos seus valores e padrões morais para praticar este comportamento. Assim, as escolhas comportamentais dos indivíduos não vão ao encontro dos seus valores morais. Outros estudos são congruentes com esta descoberta pois identificam o desengajamento moral como central na ligação entre valores e *bullying*. A moralidade desempenha um papel importante no cyberbullying e pode explicar porque determinadas características e valores positivos tornam-se mal adaptativos e podem levar a comportamentos agressivos (Menesini, Nocentini & Camodeca, 2013).

Apesar de não terem sido encontrados resultados relacionados com as políticas de segurança das plataformas digitais, o anonimato aparece correlacionado com atitudes positivas em relação ao cyberbullying. A experiência de anonimato foi mencionada em quatro artigos como fator precipitante para o envolvimento no comportamento odioso e

também é suportada pela literatura referente a este tema. Uma das razões pelas quais se pode explicar esta associação, refere-se que o anonimato apoia sentimentos positivos em relação ao comportamento de cyberbullying, manifestando-se essas atitudes em comportamentos. O anonimato representa segurança para os *haters*, uma vez que se torna mais difícil descobrir a identidade do autor dos comportamentos (Barlett et al., 2016).

Limitações da revisão sistemática

A presente revisão apresenta algumas limitações que é necessário considerar. Após a análise dos estudos selecionados, com a finalidade de responder aos objetivos formulados, conclui-se que não foram encontrados dados relativos às diferenças culturais que contribuem para representação do fenómeno e para o envolvimento nestas práticas. Assim, não foi também possível estabelecer e explicar a associação entre fatores sociais e culturais.

No que diz respeito aos resultados dos estudos, também importa ressaltar que a investigação acerca das políticas de segurança das plataformas digitais é um tema controverso com diferentes visões sobre o assunto. Além disso, também é um tema de investigação recente sobre o comportamento dos *haters* e como é possível prevenir e combater este fenómeno.

Outra das limitações encontradas está relacionada com a faixa etária das amostras dos diferentes estudos. Verifica-se que a maioria das amostras foi recolhida em escolas e, por isso, é, maioritariamente, constituída por adolescentes, não havendo diversidade de participantes e como tal não foi possível compreender e explorar variações na cyberbullying em diferentes faixas etárias. Também a natureza dos estudos pode ser considerada uma limitação, visto que a maioria dos estudos são de natureza quantitativa. Enquanto que estudos de natureza qualitativa podiam ser mais vantajosos para esta investigação, através da entrevista aos praticantes de discurso de ódio. No entanto, os métodos de avaliação dos estudos qualitativos apresentam limitações psicométricas, uma vez as variáveis foram avaliadas por questões elaboradas pelos investigadores e não por instrumentos psicometricamente validados.

Implicações para a prática

O estudo dos agentes de discurso de ódio nas plataformas digitais é escasso na literatura e, como tal, a escolha deste tema para esta revisão sistemática. Com a recolha das características pessoais, história de vida, aspetos sociais, pretende-se primeiramente prevenir este tipo de comportamento com intervenção nos agentes do problema. Tal como encontrado na literatura, sabe-se que os *haters* apresentam, muitas vezes, perturbações de personalidade,

dificuldade em controlar as suas emoções, padrões familiares desorganizados, assim como motivações baseadas em remorso e vingança. Com este conhecimento literário, é possível intervir psicologicamente e criar planos de intervenção adaptados para travar o comportamento dos agentes. O trabalho psicológico, neste tema, é importante tanto para vítimas, como para os agressores, conseguindo proporcionar ajuda sem julgamentos, mas baseada na compreensão, empatia e conhecimento.

Ao trabalhar com os *ciberbullies*, é possível intervir na raiz do problema para, assim combater esta prática, mas acima de tudo, prevenir. Quanto ao tratamento, importa trabalhar as emoções, assim como a sua compreensão e autorregulação e perceber as suas motivações. No caso dos adolescentes, importa perceber as estratégias parentais adotadas e apresentar estratégias baseadas na confiança, promoção da autonomia e autoestima.

Outro aspeto que seria importante discutir e investigar em estudos futuros, devido à escassez deste tema, são as técnicas de combate do discurso de ódio das plataformas digitais e sociais. As redes sociais desempenham um papel central na propagação do discurso de ódio e, como tal, seria importante perceber que estratégias são usadas para a prevenção e combate, mas mais do que isso, adaptar as estratégias utilizadas e aperfeiçoá-las tendo em conta as características encontradas nos estudos.

Para estudos futuros, seria interessante compreender melhor a associação entre o género masculino e o envolvimento no ciberbullying, assim como as diferenças culturais associadas a esta prática. Também seria relevante estudar este fenómeno em diferentes faixas etárias, como por exemplo a idade adulta.

Referências Bibliográficas

- Alonso, C., & Romero, E. (2017). Aggressors and victims in bullying and cyberbullying: A study of personality profiles using the five-factor model. *The Spanish journal of psychology*, 20.
- *Ang, R. P., Huan, V. S., & Florell, D. (2014). Understanding the relationship between proactive and reactive aggression, and cyberbullying across United States and Singapore adolescent samples. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(2), 237-254.

- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory: An agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, 52(1), 1–26.
- *Barlett, C. P., Gentile, D. A., & Chew, C. (2016). Predicting cyberbullying from anonymity. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(2), 171.
- *Barlett, C. P., Gentile, D. A., Anderson, C. A., Suzuki, K., Sakamoto, A., Yamaoka, A., & Katsura, R. (2014). Cross-cultural differences in cyberbullying behavior: A short-term longitudinal study. *Journal of cross-cultural psychology*, 45(2), 300-313.
- Bhat, C. S. (2008). Cyber bullying: Overview and strategies for school counsellors, guidance officers, and all school personnel. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 18(1), 53.
- Blaine, B. E., & Brenchley, K. J. M. (2020). *Understanding the psychology of diversity*. SAGE publications
- Brochado, S., Soares, S., & Fraga, S. (2017). A scoping review on studies of cyberbullying prevalence among adolescents. *Trauma, Violence, & Abuse*, 18(5), 523-531.
- *Bussey, K., Fitzpatrick, S., & Raman, A. (2015). The role of moral disengagement and self-efficacy in cyberbullying. *Journal of School Violence*, 14(1), 30-46.
- Celik, S. (2019). Experiences of internet users regarding cyberhate. *Information Technology & People*.
- Cohen-Almagor, R. (2013). Freedom of expression v. social responsibility: Holocaust denial in Canada. *Journal of Mass Media Ethics*, 28(1), 42-56.
- Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial. (2019). *Relatório Anual 2019: Igualdade e Não Discriminação em Razão da Origem Racial e Étnica, Cor, Nacionalidade, Ascendência e Território de Origem*. Disponível em: <https://www.cicdr.pt/documents/57891/0/Relatório+Anual+2019+-+CICDR/4cce326c-2913-40c1-8104-5280d2a24281>
- *Cook, C., Schaafsma, J., & Antheunis, M. (2018). Under the bridge: An in-depth examination of online trolling in the gaming context. *New Media & Society*, 20(9), 3323-3340.
- *Del Rey, R., Mora-Merchán, J. A., Casas, J. A., Ruiz, R. O., & Muñoz, P. E. (2018). Programa «Asegúrate»: Efectos en ciberagresión y sus factores de riesgo. *Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, (56), 39-48.
- Deschamps, R., & McNutt, K. (2016). Cyberbullying: What's the problem?. *Canadian Public Administration*, 59(1), 45-71.

- Dilmaç, B., & Aydoğan, D. (2010). Values as a predictor of cyber-bullying among secondary school students. *International Journal of Human and Social Sciences*, 5(3), 185–188
- Ellison, N. B., Blackwell, L., Lampe, C., & Trieu, P. (2016). “The question exists, but you don’t exist with it”: strategic anonymity in the social lives of adolescents. *Social Media Society*, 2(4).
- Farhangpour, P., Maluleke, C., & Mutshaeni, H. N. (2019). Emotional and academic effects of cyberbullying on students in a rural high school in the Limpopo province, South Africa. *South African Journal of Information Management*, 21(1), 1-8.
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: Una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11(2), 233–254.
- *Goldstein, S. E. (2016). Adolescents’ disclosure and secrecy about peer behavior: Links with cyber aggression, relational aggression, and overt aggression. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1430-1440.
- *Goodboy, A. K., & Martin, M. M. (2015). The personality profile of a cyberbully: Examining the Dark Triad. *Computers in human behavior*, 49, 1-4.
- *Handono, S. G., Laeheem, K., & Sittichai, R. (2019). Factors related with cyberbullying among the youth of Jakarta, Indonesia. *Children and Youth Services Review*, 99, 235-239.
- Hawdon, J., Bernatzky, C., & Costello, M. (2018). Cyber-Routines, Political Attitudes, and Exposure to Violence-Advocating Online Extremism. *Social Forces*.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2013). Social influences on cyberbullying behaviors among middle and high school students. *Journal of youth and adolescence*, 42(5), 711-722.
- Holt, M. K., & Espelage, D. L. (2007). Perceived social support among bullies, victims, and bully-victims. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(8), 984-994.
- Ioannou, A., Blackburn, J., Stringhini, G., De Cristofaro, E., Kourtellis, N., & Sirivianos, M. (2018). From risk factors to detection and intervention: a practical proposal for future work on cyberbullying. *Behaviour & Information Technology*, 37(3), 258-266.
- *Keipi, T., & Oksanen, A. (2014). Self-exploration, anonymity and risks in the online setting: Analysis of narratives by 14–18-year olds. *Journal of Youth Studies*, 17(8), 1097-1113.
- *Kircaburun, K., Jonason, P. K., & Griffiths, M. D. (2018). The Dark Tetrad traits and problematic social media use: The mediating role of cyberbullying and cyberstalking. *Personality and Individual Differences*, 135, 264-269.

- Kircaburun, K., Jonason, P., Griffiths, M. D., Aslanargun, E., Emirtekin, E., Tosuntaş, Ş. B., & Billieux, J. (2019). Childhood emotional abuse and cyberbullying perpetration: the role of dark personality traits. *Journal of interpersonal violence*.
- *Kokkinos, C. M., Baltzidis, E., & Xynogala, D. (2016). Prevalence and personality correlates of Facebook bullying among university undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 55, 840-850.
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of adolescent health*, 41(6), S22-S30.
- *Lee, Y. C., & Wu, W. L. (2018). Factors in cyber bullying: The attitude-social influence-efficacy model. *Anales De Psicología/Annals of Psychology*, 34(2), 324-331.
- Leets, L., & Giles, H. (1997). Words as weapons – When do they wound? Investigations of harmful speech. *Human Communication Research*, 24(2), 260–301.
- *Legate, N., Weinstein, N., & Przybylski, A. K. (2019). Parenting strategies and adolescents' cyberbullying behaviors: Evidence from a preregistered study of parent–child dyads. *Journal of youth and adolescence*, 48(2), 399-409.
- *Lyu, W., & Zhang, J. (2017). The influence of childhood psychological maltreatment on mainland china college students' cyberbullying: the mediating effect of moral disengagement and the moderating effect of moral identity. *Eurasia Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, 13(11), 7581-7590.
- *Malo Cerrato, S., Martín Perpiñá, M., & Viñas i Poch, F. (2018). Uso excesivo de redes sociales: perfil psicosocial de adolescentes españoles= Excessive use of social networks: psychosocial profile of Spanish adolescents. *Comunicar: revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, 2018, vol. 26, núm. 56, p. 101-110.
- Martínez-Monteagudo, M. C., Delgado, B., Inglés, C. J., & García-Fernández, J. M. (2019). Cyberbullying in the university setting. Relationship with family environment and emotional intelligence. *Computers in Human Behavior*, 91, 220-225.
- Matamoros-Fernández, A. (2017). Platformed racism: The mediation and circulation of an Australian race-based controversy on Twitter, Facebook and YouTube. *Information, Communication & Society*, 20(6), 930-946.
- *McCreery, M. P., & Krach, S. K. (2018). How the human is the catalyst: Personality, aggressive fantasy, and proactive-reactive aggression among users of social media. *Personality and Individual Differences*, 133, 91-95.

- Menesini, E., Nocentini, A., & Camodeca, M. (2013). Morality, values, traditional bullying, and cyberbullying in adolescence. *British Journal of Developmental Psychology*, 31, 1–14.
- Milosevic, T., & Vladisavljevic, M. (2019). Norwegian children's perceptions of effectiveness of social media companies' cyberbullying policies: an exploratory study. *Journal of Children and Media*, 1-17.
- Nettle, D. (2018). State-dependent cognition and its relevance to cultural evolution. *Behavioural processes*. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2018.01.018>
- *Orue, I., & Calvete, E. (2019). Psychopathic traits and moral disengagement interact to predict bullying and cyberbullying among adolescents. *Journal of interpersonal violence*, 34(11), 2313-2332.
- *Ouvrein, G., De Backer, C. J., & Vandebosch, H. (2018). Online celebrity aggression: A combination of low empathy and high moral disengagement? The relationship between empathy and moral disengagement and adolescents' online celebrity aggression. *Computers in human behavior*, 89, 61-69.
- Piccoli, V., Carnaghi, A., Grassi, M., Stragà, M., & Bianchi, M. (2020). Cyberbullying through the lens of social influence: Predicting cyberbullying perpetration from perceived peer-norm, cyberspace regulations and ingroup processes. *Computers in Human Behavior*, 102, 260-273.
- Rebs, R. R. (2017). O excesso no discurso de ódio dos haters. *Fórum Linguístico*, 14, 2512-2523.
- *Samoh, N., Boonmongkon, P., Ojanen, T. T., Samakkeekarom, R., Jonas, K. J., & Guadamuz, T. E. (2019). 'It's an ordinary matter': perceptions of cyberbullying in Thai youth culture. *Journal of Youth Studies*, 22(2), 240-255.
- Sasson, H., & Mesch, G. (2017). The role of parental mediation and peer norms on the likelihood of cyberbullying. *The Journal of genetic psychology*, 178(1), 15-27.
- *Seigfried-Spellar, K. C., & Treadway, K. N. (2014). Differentiating hackers, identity thieves, cyberbullies, and virus writers by college major and individual differences. *Deviant behavior*, 35(10), 782-803.
- Shohoudi Mojdehi, A., Leduc, K., Shohoudi Mojdehi, A., & Talwar, V. (2019). Examining cross-cultural differences in youth's moral perceptions of cyberbullying. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(4), 243-248. DOI: <https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0339>

- Silva, L. R. L., Botelho-Francisco, R. E., & Pontes, V. R. (2019). A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube. *Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação*, 12(2), 470-492.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of child psychology and psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Souza, E. R. D., Gomes, R., Silva, J. G., Correia, B. S. C., & Silva, M. M. A. D. (2012). Morbimortalidade de homens jovens brasileiros por agressão: expressão dos diferenciais de gênero. *Ciência & saúde coletiva*, 17(12), 3243-3248.
- *Stodt, B., Wegmann, E., & Brand, M. (2016). Predicting dysfunctional Internet use: The role of age, conscientiousness, and Internet literacy in Internet addiction and cyberbullying. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning (IJCBPL)*, 6(4), 28-43.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in human behavior*, 26(3), 277-287.
- *van Geel, M., Goemans, A., Toprak, F., & Vedder, P. (2017). Which personality traits are related to traditional bullying and cyberbullying? A study with the Big Five, Dark Triad and sadism. *Personality and individual differences*, 106, 231-235.
- Wang, M. J., Yogeewaran, K., Andrews, N. P., Hawi, D. R., & Sibley, C. G. (2019). How common is cyberbullying among adults? Exploring gender, ethnic, and age differences in the prevalence of cyberbullying. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(11), 736-741.
- *Wang, X., Lei, L., Liu, D., & Hu, H. (2016). Moderating effects of moral reasoning and gender on the relation between moral disengagement and cyberbullying in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 98, 244-249.
- *Wang, X., Yang, L., Yang, J., Wang, P., & Lei, L. (2017). Trait anger and cyberbullying among young adults: A moderated mediation model of moral disengagement and moral identity. *Computers in Human Behavior*, 73, 519-526.
- Zhou, Y., Zheng, W., & Gao, X. (2019). The relationship between the big five and cyberbullying among college students: The mediating effect of moral disengagement. *Current Psychology*, 38(5), 1162-1173.